

A TRAJETÓRIA DE SEVERINO: MIGRAÇÃO E POBREZA NO BRASIL

SEVERINO'S TRAJECTORY: MIGRATION AND POVERTY IN BRAZIL

Silvana Bagno¹
Ariane P. Ewald²
Fátima G. Cavalcante³

RESUMO: Este artigo aborda o tema da migração, a partir do personagem central de *Morte e Vida Severina* (NETO, 1986). Através dessa obra clássica da literatura brasileira, buscou-se refletir sobre a trajetória do migrante nordestino, compreender o processo de migração do meio rural para as cidades e o significado do emigrar, especialmente no que diz respeito à pobreza e desigualdade social. Conclui-se que, para superar uma morte em vida severina, de tantos migrantes brasileiros, são necessárias políticas públicas voltadas à construção da cidadania e à consolidação do capital humano e social, que respeitem as diferenças culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade Social. Literatura. Migração. Pobreza.

Introdução

Último Pau-de-Arara

*Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha
Tiver o couro e o osso
E puder com o chocoalho
Pendurado no pescoço
Vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outro canto não pára
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara*

(Venâncio, Corumbá, J. Guimarães)

Sabe-se que, de um modo geral, a migração é motivada por fatores sócio-econômicos. A carência de recursos, de trabalho, de alimento e de condições de vida propicia a motivação para buscar, em outras terras, aquilo que a terra natal não supre. No presente artigo, interessa-nos discutir a condição do migrante, sua história, sua riqueza de experiências, suas lutas, com derrotas e vitórias; compreender a garra, a força e coragem daqueles que realizaram essa travessia, que reiniciaram sua vida em busca de melhores condições de vida e perceber o

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta Relacional Sistêmica. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

² Professora Adjunta e Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

³ Professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, Pesquisadora-colaboradora do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde – CLAVES/ENSP/FIOCRUZ.

significado que o migrante atribui à sua escolha e expectativa, especialmente no que diz respeito à miséria e desigualdade social.

Tendo em vista que a literatura representa a vida e as transformações da sociedade, fomos buscar na literatura brasileira o retirante nordestino, seus sentimentos, sua história, suas motivações e descobertas. Ao retratar o percurso de Severino, personagem de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1986), buscamos refletir sobre o fenômeno migratório e a pobreza.

1. A Pessoa do retirante: Severino e a história de sua vida

— O meu nome é Severino,
[...] Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
[...] o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

[...] Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Severino é a personificação do retirante brasileiro, nordestino, ou seja, o oprimido socialmente, cuja vida é determinada pelas desigualdades econômicas e sociais. Suas tentativas de se diferenciar, de firmar sua identidade, resultam infrutíferas ao se perceber *um* entre tantos iguais, generalizados pelo nome, filiação e semelhança das condições de existência. Seu nome é extremamente genérico, assim como o de seus pais. Severino, nome próprio, torna-se comum, e é também adjetivo. O personagem, por mais que deseje se apresentar e se identificar, cai numa despersonalização, na condição do anônimo retirante, pobre, miserável.

A voz de Severino é a voz dos retirantes, dos muitos Severinos, de uma gente sofrida que, a despeito de sua ligação com a terra natal, se vê forçada a deixá-la devido às precárias

condições que encurtam a vida e abreviam a morte, buscando fugir da miséria e sonhar com uma melhor expectativa de vida:

O que me fez retirar
 não foi a grande cobiça
 o que apenas busquei
 foi defender minha vida
 de tal velhice que chega
 antes de se inteirar trinta
 se na serra vivi vinte,
 se alcancei lá tal medida,
 o que pensei, retirando,
 foi estendê-la um pouco ainda.

Severino nos apresenta a dura realidade do sertão brasileiro, em que as secas impelem o nordestino a migrar para não morrer de fome e de sede. É a fome - em épocas de seca - em última instância, que motiva a emigração de tantos *severinos*. O título da obra “*Morte e Vida Severina*” indica uma inversão da ordem natural entre “vida” e “morte”, central para compreendermos esta obra, em que a prevalência da morte sobre a vida traduz a extrema miséria e falta de recursos mínimos e essenciais de sobrevivência e de oportunidades. Tal velhice antes dos trinta, como diz Severino, é a imagem de um homem cuja vida é abreviada ou retirada por uma existência em que a carência de quase tudo impõe restrições definitivas à pessoa.

A morte de que nos fala Severino é a expressão de várias mortes, de vidas roubadas por fome crônica, fraqueza e doença, vidas sem perspectivas ou alternativas, a miséria e a penúria que aparecem em qualquer idade na seca do Nordeste. As secas e suas paisagens desérticas, com pessoas desprovidas de reservas, morrendo à míngua, sem água nem alimentos, dizimam vidas em terras devastadas. A emigração de Severino é uma fuga atemorizada da morte, ao mesmo tempo em que é plena na esperança de viver mais e melhor. Severino sai da morte para alcançar a vida.

Somos muitos Severinos
 iguais em tudo e na sina:
 a de abrandar estas pedras
 suando-se muito em cima,
 a de tentar despertar
 terra sempre mais extinta,
 a de querer arrancar
 alguns rogado da cinza.
 Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,

passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

A penúria e a devastação da seca do Nordeste é vividamente retratada por Severino, o suor do esforço e do trabalho que teima em abrandar os dissabores de uma terra que se esvai, do mesmo modo como se esvaem os muitos Severinos. Sem uma política pública que enfrente o problema da seca, Severino se vê à mercê de uma sina que a muitos inclui, ou melhor, de uma condição de morte em vida, de um morrer de horizontes e de uma consciência da mais absoluta exclusão social, ou seja, da falta de toda a sorte de suprimentos para viver e sobreviver, sendo a terra o último veio de esperança que se esvai, rumo à extinção.

Embora o conceito de exclusão social seja recente e ainda pouco consolidado, Costa e Carneiro (2004) apresentam uma definição que situa três dimensões da vulnerabilidade social que nos ajuda a pensar a situação dos Severinos. As vulnerabilidades sociais devem ser vistas como processos e transições, mais do que como situações específicas e estanques; como algo que afeta mais grupos e comunidades, do que indivíduos; como algo que está relacionado a diferentes dimensões de vulnerabilidade e de privação, do que como um aspecto isolado.

Nosso ilustre personagem, em poucas palavras, traduz uma condição de grande vulnerabilidade social que atinge sua gente, de muitas formas, em múltiplas privações numa condição processual, ou seja, a Seca que avança e que vai extinguindo a tudo e a todos. Para fugir de tal condição, de tamanha vulnerabilidade, Severino abraça então os desafios de um migrante e, como tantos nordestinos, se lança seguindo as margens do Rio Capibaribe em busca de cenários mais promissores:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

Ao falar dos Severinos, o personagem fotografa as condições de saúde e de existência de sua gente - anêmica, sem vitalidade e tida como sem importância no mundo dos excluídos. Segundo Bosi (1992, p. 16), “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir”. Bosi afirma que seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento, e que o foco não

deve recair sobre o que se perdeu, pois as raízes já foram arrancadas, partidas; ao contrário, deve-se “procurar o que pode renascer.”

O migrante, segundo ela, deixa para trás a terra natal e suas paisagens, seu roçado, sua geografia, seus animais, sua casa, sua rede social, e seu modo de se vestir, festejar, falar, cultivar a Deus, viver. Como diz Bosi, o desenraizamento vivido pelo migrante é a mais perigosa doença que atinge a cultura. A fala de Severino traz como herança os efeitos das vulnerabilidades, impressas no biótipo corporal e no sangue, deixando para trás um cenário fortemente marcado pelo desenraizamento de uma terra que não mais acolhe vidas e raízes.

2. O processo de migração: travessia em busca de uma vida melhor

A migração é o movimento e realocação de pessoas de uma região para outra, motivada principalmente por fatores econômicos e sociais, como a possibilidade de se buscar maiores salários nas regiões urbano-industriais, fato que tem incentivado a migração do campo para a cidade, desde a emergência da revolução industrial (Moura, 1980, Brito 2000). A migração é atravessada por uma relação custo-benefício, considerando o balanço dos ganhos esperados na região de origem e de destino.

Do ponto de vista do indivíduo, há uma busca de ascensão social e melhoria de condições de vida, apesar da perda psíquica resultante do afastamento dos familiares e amigos, configurando-se num investimento em capital humano. De um prisma macro-social, na abordagem histórico-estrutural, a migração é uma decorrência da desigualdade econômica entre as regiões, sendo as áreas mais prósperas, pólos de atração de fluxos migratórios. Ou seja, as desigualdades entre as regiões, com diferentes ofertas e demandas do mercado de trabalho, são os principais fatores motivadores da migração (MASSEY, 1999).

Vainer e Britto (2001) situam três grandes períodos da migração no Brasil: (a) 1888 a 1930, fase de constituição do mercado de trabalho livre, caracterizado pela migração internacional; (b) 1930 a 1980, fase marcada pelo processo de industrialização e pela ocupação da fronteira agrícola, propiciando a migração interna para as cidades, num processo explosivo de urbanização; (c) 1980 em diante, fase marcada pela queda do crescimento econômico, saturação da capacidade de absorção do mercado de trabalho, havendo a marginalização e exclusão do mundo do trabalho, marcada por uma circulação interna de migrantes e retomada da migração internacional.

Segundo Brito (2000), as décadas de 1940/60 foram marcadas por migrações interestaduais, em virtude de desequilíbrios regionais e sociais, como consequência do

desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Os fluxos migratórios vinham, sobretudo, de Minas Gerais e do Nordeste em direção aos estados com maior crescimento urbano-industrial, como São Paulo e Rio de Janeiro, além das regiões da fronteira agrícola, como o Paraná e a região Centro-Oeste.

De 1960 a 80, os investimentos públicos e a política econômica agravaram ainda mais as desigualdades regionais e reforçaram a tendência migratória rural-urbana, que também foram facilitadas pelos transportes públicos e telecomunicações. A partir de 1980, ocorreu o enfraquecimento dos fluxos migratórios do Nordeste e de Minas em virtude da redução do crescimento econômico e, além disso, houve a desconcentração espacial de atividades industriais ocorridas nos pólos de atração. A ilusão migratória resultou na alocação dos migrantes no mercado informal de trabalho.

O período escolhido pelo presente estudo situa as migrações no Nordeste, das áreas rurais para as urbanas, nas décadas de 1950 e 1960, período em que, segundo Lopes (1973), houve o declínio da mortalidade, com o efeito de multiplicar a população, gerando uma força de trabalho excedente com três destinos possíveis: (a) migrar para os centros urbanos; (b) empregar-se como força de trabalho temporária nas plantações de grandes propriedades; e (c) migrar para a fronteira agrícola, onde as terras livres podem reproduzir a agricultura de subsistência.

Claramente, a travessia de Severino, nosso personagem central, é motivada pela busca de uma maior expectativa de vida. As migrações em massa, ocorridas nos períodos de seca do Nordeste, deixam pra trás o rastro de morte. Entretanto, nos grandes centros urbanos, os retirantes não encontram condições de subsistência que venham lhes propiciar o que buscavam. A maior parte dos migrantes encontra desemprego, miséria, violência e passa a engrossar o contingente populacional que vive em precárias condições, sem direito à água encanada, luz elétrica e saneamento básico, sem acesso à saúde, educação, habitação digna. Vive à margem dos avanços tecnológicos:

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
[...] Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
[...] só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina

(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).

Desenraizado, Severino é a própria imagem do risco de não sobreviver, do risco de não conseguir encontrar um lugar fértil para semear um novo amanhã e, por isso, tudo o que vê a cada passagem é a sombra da morte lhe espreitando e lhe ameaçando com persistência, já que as novas condições de subsistência não se apresentam. Até o Rio Capibaribe, em certa altura de sua jornada, parece “morrer”, deixando-o sem referencial por onde prosseguir: *“Pensei que seguindo o rio eu jamais me perderia: ele é o caminho mais certo, de todos o melhor guia. Mas como segui-lo agora que interrompeu a descida?”*.

O rio era o fio condutor que o acompanhou da terra natal até uma parte de sua travessia e, quando Severino viu o rio secar, vivenciou, nesse instante, uma perda fundamental: a perda de suas referências, do elo com seu lugar de origem, da imagem da vida e da abundância que ele procurava. Então, sentiu-se perdido e temeroso, completamente só e desenraizado, sem saber por onde seguir, se iria sobreviver ou chegar ao seu destino.

Mesmo assim, ele prosseguiu e, em sobressalto, viu sua primeira imagem ao longo da jornada - o enterro de um Severino, lavrador, que morreu de morte matada, numa emboscada, pelas roças que possuía. Na casa a que chegara, mais adiante, uma cantoria se fazia ouvir, o ritual para outro defunto, outro finado Severino, que sofreu “coisas de não”, fome, sede e privação.

Esses destinos são mortes esperadas nessa vida severina. A vida severina tem o sabor de uma morte em vida, e dá a sensação de que não há motivos para se viver. Entretanto, o retirante não perdeu ainda as esperanças e decidiu interromper sua viagem, pelo menos até o Capibaribe estar cheio. Como o rio, interrompeu a travessia, para vencer a fadiga e prosseguir em seu intento. Decidiu procurar “um trabalho de que se viva”, uma vez que viver é trabalhar, pois, sem trabalho, a vida severina aproxima-se mais rapidamente da morte.

Assim, Severino perguntou à mulher que encontrou no caminho se haveria algum trabalho que ele pudesse realizar. Nesse diálogo, respondendo às perguntas da mulher, ele discorreu toda sua experiência profissional: - trabalhador incansável, de sol a sol, conhecedor de todos os tipos de roçado e também de como cuidar do gado e da moenda -, atividades que ela vai desaconselhando naquela região.

O migrante, além de viver os riscos da jornada e deixar para traz suas raízes, carrega consigo aprendizados, habilidades e competências desenvolvidas no local de origem – o meio

rural, as quais não encontram acolhimento e aplicabilidade nos centros urbanos. Isso o deixa sem perspectivas de conseguir trabalho ou remuneração adequada para superar as desigualdades sociais e romper com o ciclo da pobreza. Severino não conseguiu trabalho temporário, tampouco viu perspectivas nos trabalhos industrializados, ao substituir o trabalho humano pela máquina e, ainda, sentiu o desalento daqueles que se dedicam à terra e morrem sem seu pedaço de chão. Por tudo isso, apressou o passo rumo ao Recife.

3. Morte, pobreza e desigualdade social

E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitérios esperando.
- Não é viagem o que fazem,
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vem é seguindo seu próprio enterro.

Quando Severino vem ao Recife buscando “morrer de velhice”, como tantos retirantes, vem em busca de uma melhor qualidade de vida, acreditando que poderia ter algumas de suas necessidades básicas atendidas e a expectativa de vida ampliada, o que significa ter acesso a emprego, moradia, educação, saúde, habitação digna, saneamento básico. As desvantagens da seca no Nordeste estão associadas à pobreza, falta de comida, abrigo, vestuário, assistência à saúde, fome crônica e ausência de perspectivas de vida.

A pobreza, como a história de Severino demonstra, não se restringe à dimensão econômica apenas. Ela é um fenômeno múltiplo cujos efeitos estão além dos recursos materiais e são acompanhados por diferentes desigualdades que se sobrepõem e se reforçam mutuamente. A sina do retirante severino é marcada pela pobreza, sob a forma de “múltiplas privações” (COSTA; CARNEIRO, 2004), especialmente por uma pobreza extrema e persistente.

Essa sina reproduz a saga de muitos retirantes anônimos, que até hoje chegam às cidades, resignados, com baixa auto-estima e baixas expectativas quanto às possibilidades futuras. No entanto, apesar de todas essas vulnerabilidades, Severino, rompeu com esse “destino” e fez a travessia em busca de uma vida melhor. Todavia, para seu lamento, sua travessia, como a de tantos retirantes, parecia fadada ao insucesso, pela falta de alternativas e

oportunidades que mantêm os altos índices de desigualdades e de excluídos sociais em nosso país.

Um estudo sobre desigualdade na América Latina na década de 1990 constatou que 20% dos mais ricos recebem 60% de toda a renda produzida no continente e 20% dos mais pobres recebem apenas 3% da renda acumulada (BOUILLON; BUVINIC, 2003; LONDOÑO; SZÉKELY, 1997). As desigualdades de renda, a má distribuição de recursos sociais (educação, saúde, habitação, crédito) e a precária divisão de oportunidades (acesso à profissionalização, trabalho e renda) são os principais fatores responsáveis pela profunda desigualdade social em nosso país. Segundo Barros, Henriques e Mendonça (2001), o Brasil não é um país pobre; é um país de muitos pobres. O abismo entre ricos e pobres é o principal responsável pela perpetuação da pobreza e da exclusão social.

O que salta aos olhos na história de Severino é a falta de políticas públicas para redução da pobreza e desigualdade. Severino deixa o sertão e encontra um centro urbano despreparado para recebê-lo, ficando à mercê de quase as mesmas mazelas que agora se reapresentam num novo contexto histórico-social. Como será possível receber Severino, acolhendo suas capacidades e a de seu grupo de origem? Como lidar com as dimensões “não materiais” e simbólicas de sua travessia, favorecendo a nova construção de si, seu enraizamento em novo local e a construção de uma rede de relações?

Será preciso uma política de combate à exclusão social voltada aos migrantes, que esteja orientada à construção da cidadania e que tenha como diretriz a consolidação do capital humano e social desses grupos vulneráveis, respeitando sua cultura e suas tradições (COSTA & CARNEIRO, 2004).

*É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.*

Segundo Oliveira (2003), os nordestinos que deixaram o sertão em busca de uma vida melhor na cidade, ao agregarem novas experiências e valores a sua tradição, criaram novas formas de construir sua identidade cultural. Na história de Severino, embora ele só encontre a morte com várias faces no percurso, sua perspectiva é otimista. A vontade de encontrar melhores condições de vida só termina ao ouvir a conversa dos coveiros em Recife, que

abordam a desigualdade social representada pelas distintas alas dos cemitérios - avenidas dos ricos (usineiros, políticos e banqueiros), com toda a pompa e protocolo; o bairro dos funcionários (contratados e mensalistas); dos operários e dos indigentes (retirantes e pobres vários).

A morte carrega as características do morto, enquanto vivia, e seu lugar depende de sua inserção social, que se reflete num cemitério hierarquizado e espelha a sociedade. Uma vez tendo concluído que seu sonho não passava de uma ilusão, Severino pensou em se matar. No entanto, o auto de Natal encenado e o nascimento do filho de Seu José, o mestre Carpina - uma criança magra, pálida, franzina, um “menino guenzo”, mais uma vida severina -, traz uma lição de fé na vida e um veio de esperança a essa gente severina. Ao visitar o bebê recém-nascido, os vizinhos ofertam presentes e sintetizam a pobreza de suas vidas: “Minha pobreza tal é que coisa alguma posso ofertar: somente o leite que tenho para o meu filho amamentar. Aqui todos são irmãos, de leite, de lama, de ar”.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida (...)
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

O ponto alto do sofrimento de Severino está na consciência de que sua vida não mudaria tanto ao chegar a Recife. Ele imaginava que continuaria trabalhando muito, com ferramentas e instrumentos semelhantes aos que usava em sua terra natal. Ele acreditava que seu trabalho lhe traria mais água, comida, roupas para o corpo magro, abrigo para o repouso e então percebe que estava seguindo o próprio enterro. A falta de acesso ao mundo do trabalho e o lugar de excluído que lhe era reservado selou seu destino, ou seja, só lhe restava a morte ou a morte em vida severina. A morte não era sua companheira de viagem, como pensava Severino, e sim, sua anfitriã.

ABSTRACT: This article presents the issue of migration and poverty, considering the protagonist of *Morte e Vida Severina* (NETO, 1986). Through the analyses of a classical Brazilian text, we aim at reflecting about the northeast Brazilian migrant, understand the migration process from rural areas to cities and the meaning of migration, specially its connection to poverty and social inequality. The conclusion is related to the conditions to overcome a *severina's* death in life, as it happens with so many Brazilian migrants, who depend on public policies related to citizenship, and on the consolidation of human and social capital regarding the respect to cultural differences.

KEY-WORDS: Literature. Migration. Poverty. Social Inequality.

REFERÊNCIAS

- BARROS, R.P; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. *A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/ IPEA, 2001. Texto de Discussão n. 800.
- BOSI, Eclea. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática. 1992.
- BOUILLON, C. P.; BUVINIC, M. *Inequality, Exclusion and Poverty in Latin America and the Caribbean: Implications for Development*. IDB Document from EC/IDB Seminar: Social Cohesion in Latin America and the Caribbean, 2003.
- BRITO, Fausto. (2000). *Brasil, Final de século: a transição para um novo padrão migratório?* Anais da ABEP, Caxambu, 2000.
- COSTA, B.L.D; CARNEIRO, C.B.L. *Implicações do enfoque da exclusão social sobre as políticas públicas: desafios para o desempenho governamental*. Belo Horizonte: Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, 2004. Texto para discussão n. 08.
- LOPES, J. R. B. *Desenvolvimento e migrações: uma abordagem histórico-estrutural*. São Paulo: Brasiliense. 1973.
- LONDOÑO, J.L; SZÉKELY, M. *Persistent Poverty and Excess Inequality: Latin America, 1970-1995*, Inter-American Development Bank, Working Paper 357, 1997.
- MASSEY, D. S. *Social Structure, Household Strategies, and the Cumulative Causation of Migration*. Population Index 56, 1, p. 3-26, 1990.
- NETO, João Cabral de Melo. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- OLIVEIRA, Marta Francisco de. A Migração nordestina e a construção da identidade cultural: uma análise da realidade coxinense à base de *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector. 2003. Disponível em: <<http://www.museu-emigrantes.org/seminario-comunicacao-marta-fran.htm>> Acesso em: 11 abr. 2008.
- RAVENSTEIN, E.G. *As leis da migração*. Traduzido de: RAVENSTEIN, E. G. The Laws of Migration. *Journal of the Statistical Society*, n. 47, p. 167-227. In: MOURA, H. A. (Org.). *Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise*. Fortaleza: BNB, 1980. p. 19-88. t. 1.
- VAINER, C. B. e BRITO, F. *Migration and Migrants Shaping Contemporary Brazil*. Presented at the Special Session on Brazilian Demography at the 24th. General Population Conference of the IUSSP, Salvador, Bahia, Brazil, September 18-24, 2001. (Disponível em CD-ROM).